

Trajetos

Ultrapassada a luta modernista, na *Obra imatura*, o escritor se dá o direito de desvelar o próprio passado, integrando-o em seu presente e de publicar textos mais recentes que reputava não plenamente amadurecidos. Assim sendo, a palavra imatura carrega o sentido de obra retomada e de obra em desenvolvimento, *in progress*. Os documentos do processo criativo deste primeiro volume das Obras Completas envolvem manuscritos de diversas obras e épocas, trajetos complexos que se cruzam e convergem para o conjunto, materializando notas de trabalho e versões. Perquirir a gênese de cada obra participante significou, nesta análise, apreender a história e esquadriñar o dossiê dos manuscritos de *A escrava que não é Isaura* e *Primeiro andar*, na seqüência das edições, e os poucos papéis explicitamente vinculados à preparação de *Obra imatura*, deixada inédita. Desentranhar a contribuição desses manuscritos é saber que, quando se trata de títulos de Mário de Andrade editados, os autógrafos e os datiloscritos materializam-se, na maioria dos casos, unicamente após a primeira tiragem, pois o escritor tinha por hábito destruir os primeiros passos dos textos seus publicados em livro. Autógrafos e datiloscritos subsistem sob a forma de novas notas ou novas versões em fôlios, afora os exemplares de trabalho. Significou também constatar, em *Há uma gota de sangue em cada poema*, a ausência total de testemunhos de fases redacionais posteriores à edição *princeps*, cuja versão perdura intocada em *Obra imatura*.

Há uma gota de sangue em cada poema traz à cena o jovem católico que, em 1917, ganha a vida como professor no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e custeia seu primeiro livro na gráfica de Poci & Comp., brochura simples, *in octavo*, na qual todos os textos levam, na primeira página, um pingão de tinta vermelha. *Há uma gota de sangue em cada poema*, sob pseudônimo, merece o aplauso do crítico P. L.: “O Sr. Mário Sobral foi sincero no seu livro, e por isso mesmo se encontram ali pen-

samentos elevados.”⁸ A crítica, porém, estranha as onomatopéias e as sinestesias, permeadas ao pacifismo que condena a primeira guerra mundial.⁹

Em 1944, na entrevista a Jussieu da Cunha Batista, Mário de Andrade, ao falar sobre o critério de escolha dos títulos para as Obras Completas, dimensiona sua estréia poética:

Foi não abusar da severidade. Há obras que não são certamente as melhores que fiz, nem boas, como, por exemplo, o meu primeiro livrinho de versos...

– Há uma gota de sangue em cada poema...

– Exatamente. É um livro que, como o Manuel Bandeira falou, é de um ruim... “esquisito”. Não renego nem devo renegar esse livro, apesar do seu “ruim esquisito”. Porque é extraordinariamente representativo, justamente do que eu acho que deve ser o artista: “o homem que, por intermédio da obra-de-arte e da beleza, participa da realidade da vida e busca dar definição de tudo”, como diz o cantador nordestino. Ora, esse ideal do artista não-conformista, que propõe uma vida melhor, surgia inesperadamente, e confesso que inconscientemente ainda, no fato de eu resolver de sopetão

8. UM LIVRO DE VERSOS. Recorte de jornal sem fonte e data no arquivo do escritor no IEB/USP.

9. HÁ UMA GOTAS DE SANGUE EM CADA POEMA, POR MÁRIO SOBRAL. Artigo em recorte de jornal sem indicação de autor, fonte e data, no arquivo do escritor no IEB/USP. Mostra a recepção: “Infelizmente, não se trata de um gênio, como não esclareceram logo as primeiras páginas da obrinha. No prefácio, diz o autor que ‘maio se escancara’; em seguida, que a paz é a ‘geratriz do riso’; depois, que ‘o crepúsculo gira’. Há ainda, nessas primeiras folhas, ‘pios que voam mudos e frios’, ‘perfume vermelho’ e um ‘ferido assobiando entre seus lábios brancos’. Enfim, outras muitas impropriedades e exageros, sem se falar em versos frouxos e rimas defeituosas, que afeiam, por toda a parte, as estrofes e que são a melhor prova de que o menestrel as compôs à pressa.”